

O Presente de Natal

Era uma espécie
de mágica, disse
a velha senhora
ao menino.
E realmente era:
seu presente
iluminaria a vida
de um grande
romancista

JAMES A. MICHENER



QUANDO EU tinha nove anos, costumava aparar a grama para uma senhora idosa chamada Sr.^a Long. Ela me pagava pouco, o que não era de estranhar, pois não tinha muito dinheiro. Mas prometia-me:

—Quando chegar o Natal, você vai ganhar um presente.

E dizia isso com tal entusiasmo que me convenci de que o presente seria maravilhoso.

Passava horas imaginando o que seria. Meus companheiros de brincados tinham luvas de beisebol, bicicletas e patins de gelo que eu desejava ardentemente possuir, e acabei convencendo-me de que minha benfeitora escolheria uma dessas coisas.

“Duvido que seja uma luva de beisebol”, raciocinava eu. “Uma mulher como a Sr.^a Long não entende nada de beisebol.” E, como se tratava de uma criatura muito frágil e pequenina, também eliminei a bicicleta. Como iria ela manusear uma geringonça daquelas?

No meu último sábado de trabalho, a Sr.^a Long declarou:

—Agora, lembre-se, por ter sido um bom menino durante todo o verão, pelo Natal estarei esperando você com um presente. Venha buscá-lo.

Essas palavras revelaram-me tudo. Como o presente estaria dentro de casa e ela mesma iria entregá-lo,

JAMES A. MICHENER é autor de muitos livros famosos, entre os quais *As Pontes de Toko-Ri*, *Sayonara* e *Histórias do Pacífico Sul*.

não restava mais dúvida de que era um par de patins de gelo.

Fiquei tão certo disso que já podia ver os patins em minha imaginação e sentir-me sôbre êles. Quando chegaram os dias frios de novembro e as águas começaram a congelar nos lagos, comecei a experimentar o gelo que me agüentaria com meus patins durante o inverno.

—Saia dêsse gelo!—gritou um homem.—Ainda não está bastante duro.

Mas logo estaria.

Com a aproximação do Natal, foi difícil controlar-me para não ir à porta da Sr.^a Long reclamar o meu presente. Minha família achava que o primeiro dia de dezembro era muito cedo para isso.

—Ela pode não tê-lo embrulhado ainda—ponderou alguém, e achei razoável.

Mas o dia 15 era ainda cedo demais e também o dia 20. No dia 20 eu protestei, alegando que, se ia receber o presente de qualquer forma, era melhor ir buscá-lo de uma vez, mas minha mãe salientou que na nossa família nunca abríamos os presentes antes do dia de Natal.

No dia 21 de dezembro, uma forte onda de frio congelou todos os lagos, e os meninos que já tinham seus patins puderam usá-los. O meu desejo de possuir os meus—embora não pudesse abrir o pacote antes de alguns dias—tornou-se insuportável. No dia 22 de dezembro foi impossível resistir mais tempo. Desci a rua, apresentei-me à porta da casa

cuja grama eu cuidara durante o verão e declarei:

—Vim buscar o meu presente, Sr.^a Long.

—Eu estava à sua espera—disse ela, conduzindo-me à sala de visitas com suas janelas pesadas de veludo vermelho.

Fêz-me sentar em uma cadeira, desapareceu em outro aposento e no momento seguinte surgiu diante de mim com um embrulho que em nenhuma circunstância concebível poderia conter uma luva de beisebol, uma bicicleta ou mesmo um par de patins. Experimentei uma dolorosa decepção, mas, que me recorde, não o demonstrei, porque durante toda a semana meus conselheiros em casa me haviam prevenido reiteradamente:

—Seja o que fôr que ela lhe dê, receba-o cortêsmente e diga “muito obrigado”.

O que ela me apresentava era um embrulho comum de cêrca de 25 centímetros de largura, 30 de comprimento e não mais de um centímetro de espessura. Enquanto a Sr.^a Long o segurava em suas mãos frágeis, a curiosidade substituiu o meu desapontamento, e, ao pegá-lo, sua extrema leveza cativou-me. Não pesava quase nada.

—Que é?—perguntei.

—Você verá no Dia de Natal.

Sacudi-o. Nada balançou, mas pude captar um som misterioso e abafado que me era de algum modo familiar, mas indefinível.

—Que é?—perguntei novamente.

—Uma espécie de mágica—disse a Sr.^a Long, e foi tudo.

As palavras dela lançaram minha mente num turbilhão de novas possibilidades, e quando cheguei a casa eu já estava convencido de que carregava uma grande maravilha.

—Ela me deu um estôjo de mágicas. Transformarei jarros de leite em coelhos.

Como me pareceu longa a noite de Natal! Havia outros presentes de pêso e dimensões normais, mas a caixa da Sr.^a Long dominava todos, pois se relacionava com magia.

Na manhã de Natal, antes do nascer do Sol, eu tinha a caixa sobre os joelhos e rebentava o cordão colorido e usado que a amarrava. Pouco depois o papel que a envolvia era pôsto para um lado e em meu colo restava uma caixa muito fininha.

Excitadíssimo, ergui a tampa, e descobri dentro uma pilha brilhante de 10 fôlhas finas de papel negro, cada uma rotulada com letras iridescentes. Vagamente eu me lembrei de que o presente tinha algo que ver com mágica, e, com essa palavra em meus lábios, voltei-me para os adultos que assistiam à minha abertura do presente.

—Isto é mágica?

Tia Laura, que era professôra, teve a presença de espírito necessária para exclamar:

—É realmente!

Pegou duas fôlhas de papel branco, colocou entre elas uma das fôlhas negras da caixa e com um lá-

pis escreveu meu nome na fôlha de cima. Depois, retirando-a e também o papel carbono, entregou-me a segunda fôlha que seu lápis nem sequer tocara.

E lá estava o meu nome! Nítido e negro, tão claro e belo como o próprio Dia de Natal!

Fiquei fascinado! Aquilo era realmente mágica . . . de primeira grandeza! Um lápis escrever em uma fôlha de papel e misteriosamente gravar na outra era um milagre tão agradável à minha mente infantil que posso declarar honestamente que, naquele instante, na obscuridade da manhã de Natal, eu compreendi tanto sôbre impressão, reprodução de palavras e o mistério fundamental da disseminação de idéias quanto aprendi no meio século restante de minha vida.

Escrevi incansavelmente, consumindo blocos inteiros, até que finalmente gastei a última camada de negrura das 10 fôlhas de papel carbono. Foi o presente de Natal mais encantador que um menino como eu poderia ter recebido, infinitamente mais significativo que uma luva de beisebol ou um par de patins. Foi exatamente o presente de que eu precisava, e êle me alcançou precisamente naquele Natal quando eu melhor podia compreendê-lo. E

por me haver revelado algo sôbre a reprodução de palavras, abriu-me os vastos portais da imaginação.

Desde então, tenho recebido muitos presentes de Natal formidáveis, mas nenhum jamais se comparou com aquêle em magnificência. O presente comum tem apenas um encanto temporário, como no caso dos patins; o grande presente ilumina todos os anos de vida que ainda restam.

Só alguns anos depois fui compreender que as 10 fôlhas de papel carbono que a Sr.^a Long me dera nada lhe tinham custado. Ela as usara para seus propósitos, e normalmente tê-las-ia jogado fora, mas teve o engenho de adivinhar que um menino poderia tirar proveito de um presente totalmente estranho à sua esfera de experiência cotidiana. Embora não gastasse qualquer dinheiro comigo, gastara algo infinitamente mais valioso: imaginação.

Espero que neste ano alguns meninos e meninas recebam de adultos imaginosos que realmente os amem presentes que os conduzam a algo que não tenham conhecido até agora. São presentes e experiências assim—que geralmente pouco ou nada custam—que transformam uma vida, imprimindo-lhe um ímpeto que poderá continuar por décadas.

A REGRA de OUTO para quem lê um menu num restaurante: “Se você não puder pronunciá-lo . . . não poderá pagá-lo.”

—Frank Muir, em *The English Digest*